

Dançar sobre as ruínas
di Rita Martins (Público, 18/07/2006)

Exodo

Lisboa Centro Cultural de Belém

Depois de Raiva, Guerra e Silencio, Pippo Delbono regressa ao Centro Cultural de Belém com Exodo, espectáculo integrado na 23ª. Edição do Teatro de Almada. Exodo, estreado em 2000, é um espectáculo belo e terrível, que tem a extraordinária capacidade de emocionar e fazer reflectir sobre a mágoa que assola o mundo. A cor, a música e os movimentos dos actores, rigorosamente coreografados, articulam-se de forma exímia para criar imagens que falam da guerra, da tortura, da dor dos refugiados e das vítimas silenciadas pela indiferença e pela morte. O cenário, fixo, representa as ruínas de uma cidade, metáfora instável que se desdobra em múltiplas referencias ao longo do espectáculo: espaço de memória que sobrevive a corrosão do tempo; local de silencio e esquecimento; inferno de morte e de fogo –Tirana, Beirute, Palestina, Somália...

Refugiados que integram a companhia (do Saara, Albania, Palestina) rompem a ficção enquanto testemunhas do pânico e do dilacerar dos corpos: o jovem Fadel fala da sua terra, onde as crianças saltam como borboletas, onde as crianças explodem em cinzas com as minas...

Uma sucessão de quadros, alucinantes, comovedores, serenos e terríveis, são acompanhados pela voz arrepiante de Pippo que, na escuridão da plateia, cita fragmentos de textos (Brecht, Livro do Exodo, Primo Levi, Charlie Chaplin, Pasolini, Etty Hillesum entre outros), murmurando ou gritando palavras sobre os tempos sombrios da opressão, da indiferença e do medo. Ouvimos as palavras de Deus aos Hebreus: “Não oprimirás o estrangeiro, porque fostes estrangeiro na terra do Egipto” –em palco, mães que nasceram na Terra Prometida, fogem por entre as ruínas, tentando proteger os filhos; enchem o ar de gritos mudos.

As últimas cenas pertencem a Fadel, aos actores da companhia portadores de deficiência – Bobò e Gianluca- e a Nelson, que durante anos viveu no apartheid das ruas. Fadel recupera a terra perdida e a beleza do deserto nos gestos delicados de uma dança tradicional. O espectáculo termina com ele orando entre as ruínas, enquanto Bobò e Nelson adormecem juntos, encontrando, por fim, a paz. Gianluca, vestido de anjo, faz adeus a Fadel, sorri para o público e ajoelha ao lado dos corpos abandonados. As palavras misteriosas de Etty Hillesum que, em Auschwitz, fala do desabrochar das flores, ganham sentido neste espectáculo em que a verdade do gesto poético permite entrever a harmonia por detrás do caos e a beleza para além do horror. Com Pippo Delbono ousase acreditar que a beleza e a arte redimem a vida e que os corpos, dançando, entregues à ruína e a morte, tocam a eternidade. Na mesma altura em que saímos da sala de espectáculos, as bombas caem sobre Beirute, a História repete-se e o ciclo destrutivo prossegue o seu movimento.